

Vandalismo na escola

O número é quase inacreditável. Cerca de 40 por cento dos recursos do Departamento de Engenharia e Arquitetura da Fundação Educacional são gastos para recuperar os estragos decorrentes do vandalismo dos alunos da rede pública de Brasília. Segundo o diretor daquele departamento, o dinheiro empregado para recuperar dez escolas seria suficiente para construir outras quatro novas.

O fato é sintomático. A destruição de carteiras, quadros-negros e o furto de lâmpadas e torneiras parecem mostrar, antes de mais nada, que não há uma consciência, entre os estudantes, dos benefícios que a escola pode lhes proporcionar.

Levando mais longe este raciocínio, pode-se dizer que ainda não existe, dentro da cultura brasileira, bem estabelecido, um consenso sobre a importância da própria educação.

Boa parte do vandalismo pode ser creditada à idade dos estudantes. Os adolescentes, em qualquer parte do mundo, por necessidade de afirmação, que conseguem enfrentando a autoridade, seja dos pais, seja da escola, cometem pequenos atos de vandalismo.

O que se verifica no Distrito Federal, mais intensamente em certas áreas, escapa a esta faixa que seria considerada aceitável. Mas dirigentes da Fundação Educacional afirmam que o índice de violência e furto estaria regredindo, em função de um trabalho desenvolvido no sentido da preservação do ambiente escolar.

A situação econômica do País ou mesmo a situação familiar de alguns es-

19 OUT 1972
tudantes não podem ser aceitas como
atenuantes para a destruição de bens de
uso comum. O que se dá nas escolas é
também reflexo do que se dá nas ruas.
Como não se punir os que praticam cri-
mes contra o Estado, da mesma forma fi-
cam impunes os que destroem as escolas.

A questão central é mesmo com rela-
ção à importância que é dada, ou não, à
educação pelo povo brasileiro. Aparente-
mente, a consciência que se percebe na
maioria da sociedade — sobre a necessi-
dade inadiável da construção de um sis-
tema educacional moderno e eficiente —
não penetrou em todas as camadas da
população.

Envolvido em tantas tarefas que não
lhe diziam respeito, o Estado brasileiro
perdeu sua eficiência e transformou-se
no maior vilão da crise que ora vivemos.
Passou a ser culpado por todos os desa-
certos. Daí talvez a destruição dos bens
das escolas, dos telefones públicos, das
placas de sinalização, de tudo o que é pú-
blico e alcançável.

O brasileiro, talvez de maneira mais
intensa nas grandes cidades, perdeu sua
noção de comunidade. A vida moderna
também atingiu o núcleo familiar, que
não se recompondo das grandes mudanças
das últimas décadas. Alunos que des-
troem escolas podem ser filhos de pes-
soas que ainda não têm conhecimento do
valor da escola.

Se houvesse maior participação dos
pais na vida escolar, certamente teríam-
mos menos depredações. Cabe indagar
aqui se nas escolas particulares o fenô-
meno se repete com tanta intensidade.